

**OS LIRA, IMPRESSORES DOS SÉCULOS XVI E XVII.  
PERCURSOS ECONÓMICOS E RELAÇÕES  
FAMILIARES**

**THE LIRA, PRINTERS OF THE SIXTEENTH AND  
SEVENTEENTH CENTURIES.  
ECONOMIC COURSES AND FAMILY  
RELATIONSHIPS**

*Jorge Fonseca*

Investigador independente  
jmrfonseca2000@yahoo.com.br  
ORCID: 0000-0002-4501-7549

**Resumo:** Manuel de Lira foi um dos mais relevantes impressores portugueses dos finais do século XVI e inícios do século XVII. Este capítulo traça o seu percurso biográfico, desde Viseu, local de nascimento, até Évora, cidade em que terminou a respetiva carreira e a sua vida, passando por Lisboa, onde o seu talento desabrochou e se afirmou. Trata igualmente do magistério que exerceu sobre dois dos seus filhos, Francisco e João, e o enteado, Jorge Rodrigues, dois deles eminentes impressores do seu tempo, assim como da projeção do seu labor em Lima, no Peru. Aborda também o ambiente económico e social que moldou o percurso da sua família e o dele próprio e dos seus descendentes, num país voltado para o exterior, impulsionado pelas oportunidades oferecidas pelo comércio ultramarino e em ligação estreita com os territórios do império, as colónias espanholas e com Castela. Para isso, recorri não só às fontes conhecidas, paroquiais e inquisitoriais e à produção

impressória de Manuel de Lira e seus continuadores, mas também a fontes ainda não usadas pela historiografia do livro, como alguns processos das inquisições de Lisboa e de Cartagena das Índias.

**Palavras-chave:** Portugal, História do Livro, Séculos XVI e XVII, Manuel de Lira.

**Abstract:** Manuel de Lira was one of the most important Portuguese printers of the late 16<sup>th</sup> and early 17<sup>th</sup> centuries. This chapter traces his biographical journey from Viseu, his birthplace, to Évora, the city where his career and life ended, passing through Lisbon, where his talent blossomed and flourished. It also deals with the teaching of two of his sons, Francisco and João, and of his stepson, Jorge Rodrigues, two of them eminent printers of their time, as well as with the projection of his work in Lima, Peru. It addresses furthermore the economic and social environment that shaped his family's path and that of himself and his descendants, in an outward-looking country, driven by the opportunities offered by overseas trade and in close connection with the territories of the empire, the Spanish colonies and Castile. To reach my goal, I searched not only in known parochial and inquisitorial sources and in the print production of Manuel de Lira and his continuators, but also in sources not yet explored by the historiography of the book, such as some inquisitorial processes from the inquisitions of Lisbon and Cartagena de Índias.

**Keywords:** Portugal, History of the Book, Sixteenth and Seventeenth Centuries, Manuel de Lira.

O estudo dos comportamentos económicos e da vida familiar dos profissionais da imprensa nos séculos XVI e XVII só parcialmente é possível, devido às limitações impostas pelas fontes existentes. Se em relação a alguns dos mais destacados desses impressores conhecemos as respetivas produções, mas pouco ou nada das suas vidas, relativamente a outros, que as fontes disponíveis mencionam, com pormenores que permitem traçar, mesmo que de forma muito lacunar, os respetivos percursos familiares, nada sabemos dos resultados da sua atividade profissional, ou seja, das obras impressas que terão dado à luz. Isso pode dever-se à perda dessas obras, algumas delas folhetos de pequena relevância e com restrito número de exemplares impressos, que a passagem do tempo rapidamente fez desaparecer. Ou então, facto que os documentos frequentemente omitem, à condição de obreiros de alguns dos impressores assinalados, que laboravam por conta de outros profissionais, titulares das respetivas oficinas, os quais, por isso, e enquanto mantivessem esse estatuto, nunca surgiam no rosto das obras como responsáveis de uma edição.

O interesse em se conhecerem as ligações familiares dos profissionais da imprensa, em particular dos que atuavam como empresários autónomos, deriva da intensa interdependência da atividade económica e das opções familiares dos impressores, nomeadamente se eram dirigidas à continuidade das respetivas empresas. Essa realidade, comum aos restantes ofícios, já foi por nós realçada num estudo sobre os livreiros da mesma época.<sup>1</sup> Tais ligações podem explicar igualmente a origem da atividade profissional através da aprendizagem no seio da família, como aconteceu no caso que seleccionámos para abordar este tema,

---

<sup>1</sup> Jorge FONSECA, *Os livreiros de Lisboa nos séculos XVI e XVII. Estratégias económicas, sociais e familiares*. Lisboa, Colibri, 2019, pp. 109-118.

o de Manuel de Lira e dos familiares em que conseguiu projetar a sua profissão, alguns dos quais honraram particularmente a arte impressória.

Manuel de Lira e Jorge Rodrigues foram dois destacados impressores portugueses, com vasta obra realizada: o primeiro com atividade nas últimas décadas do século XVI e primeiros anos do XVII e o segundo desde os últimos anos de Quinhentos até à década de quarenta da centúria seguinte. Até há pouco tempo não eram conhecidas relações de parentesco entre ambos, como se conclui dos trabalhos dedicados aos dois profissionais. No entanto, do estudo comparativo dos processos inquisitoriais de Leonor de Sória, mulher de Manuel de Lira, e de João de Lira, filho de ambos, conclui-se que Manuel de Lira era padrastrô de Jorge Rodrigues e que, provavelmente, foi com ele que o enteado aprendeu o ofício, de quem talvez tenha herdado a oficina. Vejamos.

A 2 de março de 1592, Leonor de Sória foi interrogada pelo Santo Ofício de Lisboa, depois de ter sido presa a 28 de fevereiro.<sup>2</sup> Ao referir-se à sua situação familiar, afirmou ter sido casada com Manuel Rodrigues, tosador natural da Covilhã, de quem tinha tido dois filhos, Jorge, de 15 anos, e Maria, de 12. Depois de enviuar, tinha voltado a matrimoniar-se, a 6 de fevereiro de 1583, com o impressor Manuel de Lira, igualmente viúvo.<sup>3</sup> Este tinha casado, a 10 de setembro de 1581, com Jerónima de Castro, entretanto falecida.<sup>4</sup> Da união de Manuel de Lira com Leonor de Sória viriam a nascer Francisco, que tinha oito anos em 1592, e João, Luís e Isabel, com idades dos sete para baixo.<sup>5</sup> Pelas idades indicadas no processo e pelo registo do segundo casamento, verifica-se que

---

2 António BAIÃO, “Manuel de Lira, um dos mais antigos impressores dos Lusíadas. Novos dados para a sua bibliografia”: *Lusitania. Revista de estudos portugueses* 2.5-6 (1925), p. 257.

3 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.º. S.ª. da Conceição*, Liv. 3 de Mistos, fl. 65.

4 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.º. S.ª. da Conceição*, Liv. 1 de Mistos, fl. 30v.

5 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, de Leonor de Sória, fl. 12.

Jorge teria seis anos ao tempo do segundo matrimónio da mãe e 15 quando a mesma foi presente ao tribunal da fé. Teria nascido, por isso, em 1577.

O processo de João de Lira, iniciado em 9 de dezembro de 1609, estabelece a ligação familiar deste com Jorge Rodrigues. De acordo com as suas afirmações aos inquisidores, era «oficial de impressão» e tinha já trabalhado em casa «de seu irmão Jorge Rodrigues, que é mestre de impressão e mora nesta cidade (de Lisboa), no Beco dos Seguros e aí tem impressão junto à Rua Nova». Depois de casar, a 18 de julho de 1608, com Maria da Cruz,<sup>6</sup> o meio-irmão despediu-o «porque se casou». Ele teve, então, que empregar-se junto de outros impressores, Pedro Craesbeeck, Luís de «Estopinhão»<sup>7</sup> e Vicente Álvares. Mas havia mais de três meses que não tinha quem lhe desse emprego e, por isso, vendia orações impressas pela cidade e em N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Luz (por certo na feira da Luz, grande acontecimento social que ocorria nesse local dos arredores de Lisboa, no início de setembro).<sup>8</sup> Já voltaremos ao despedimento de João de Lira.

Estas informações sugerem que Manuel de Lira foi o responsável pela educação e formação de Jorge Rodrigues, pois este esteve a seu cargo desde os seis até aos 20 anos, quando ele, Manuel de

---

6 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> da Conceição*, Liv. 5 de Mistos, fl. 143.

7 O impressor espanhol Luis de Estupiñan trabalhou em Sevilha, na Calle de las Palmas, de 1610 a 1630 (Miguel Ángel NÚÑEZ BELTRÁN, *La oratoria sagrada de la época del Barroco: doctrina, cultura y actitud*. Sevilla, Universidad, p. 58), alternando «los temas técnicos con la literatura, siendo el impresor de los primeros textos sobre ingeniería naval y otros de arquitectura, con notables ilustraciones» (José Luis HERRERA MORILLAS y Juan Pedro CAVERO COLL, «Libros impresos en Sevilla durante los siglos XV al XVIII»: *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios* 68 (2002), p. 44). Antes desse período esteve ativo em Lisboa, onde imprimiu as obras *Lusitania transformada*, da autoria de Fernão Álvares, Lisboa, Luys Estupiñan, 1607 e *Do sítio de Lisboa. Diálogo*, de Luís Mendes de Vasconcelos, Lisboa, Luys Estupiñan, 1608, de que existem exemplares na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Coimbra, Universidade, 1970, pp. 75 e 614).

8 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor*, n.<sup>o</sup> 9, fl. 229.

Lira, se retirou para Évora, em 1597, para aí dar continuidade ao seu ofício. Poderá mesmo ter-lhe deixado o recheio da sua oficina, com os respetivos prelos. Não sendo conhecido o destino destes, tem sido admitida pelos historiadores do livro a hipótese de os mesmos terem sido adquiridos pelo flamengo Pedro Craesbeeck, que havia poucos anos se tinha fixado na cidade e estava a iniciar uma promissora carreira de impressor.<sup>9</sup> Tal conclusão é legítima, mas há que considerar a hipótese de ter sido Jorge Rodrigues o sucessor. Tendo este 20 anos aquando da saída do padraço da cidade de Lisboa e tendo também, como parece óbvio, aprendido e praticado o ofício com ele, dando provas de competência na sua arte, em que se virá a revelar um dos mais ativos impressores portugueses, parece bem provável que Manuel de Lira lhe tenha transmitido a oficina, que o enteado terá mudado para outro local. As instalações de Manuel de Lira ficavam na Calçada de São Francisco, freguesia dos Mártires,<sup>10</sup> e as de Jorge Rodrigues no Beco dos Seguros, junto à Rua Nova, já em 1609<sup>11</sup> e aí se manteria, pois ainda lá estavam em 1638.<sup>12</sup>

A corroborar aquela conclusão está o facto de, logo no ano seguinte de 1598, Jorge Rodrigues ter imprimido a obra do espanhol Lucas Gracian de Antisco, *Galateo español*, e as *Sentencias generales de Francisco de Guzman*, ambas à custa do mercador de livros Francisco Peres, estabelecido no largo do Pelourinho Velho, assim como a *Primera parte del Tesoro de Divina Poesia*, de Estevan Villalobos, edição financiada por Pedro Flores, mercador de livros

---

9 João José Alves DIAS, *Craesbeeck, uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996, p. XI; Vanda ANASTÁCIO, “El Rei Seleuco, 1645 (Reflexões sobre o corpus da obra de Camões)”: *Peninsula. Revista de Estudos Ibéricos* 2 (2005), p. 330.

10 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, fl. 12.

11 ANTT, *Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor*, n.º. 9, fl. 229.

12 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 10.537, fl. 3.

com loja no mesmo local.<sup>13</sup> Daí em diante, até 1642, ano da sua morte,<sup>14</sup> daria à estampa pelo menos 142 edições, o que fez dele um dos mais produtivos impressores de Lisboa e do país.<sup>15</sup>

A influência e apoio de Manuel de Lira ao enteado estendeu-se, provavelmente, também ao financiamento de edições. Em 1592, o livreiro lisboeta Pedro Flores custeou a impressão pelo primeiro de *Las obras del famoso poeta Gregório Silvestre*. De 1595 a 1597, Estêvão Lopes, mercador de livros da rua Nova dos Ferros, promoveu e financiou a edição de três livros impressos por Manuel de Lira. Em 1601, quando este já vivia em Évora, o livreiro encomendou-lhe a impressão de 1500 «Folhas de Rezar», enviando-lhe para isso o papel necessário. Essa colaboração indicava a existência de confiança entre os dois profissionais. O mesmo tipo de relacionamento observar-se-á entre esses livreiros e Jorge Rodrigues, pois, como se viu atrás, em 1598 este imprimiu uma obra editada por Pedro Flores e, em 1600, Estêvão Lopes fez com ele uma «companhia e contrato», válida por seis anos, para que o enteado de Manuel de Lira imprimisse todos os livros que aquele entendesse editar.<sup>16</sup> O acordo resultou na publicação de diversas obras, mas o livreiro não o levaria até ao fim, por ter falecido em março de 1605.<sup>17</sup>

Voltemos a João de Lira, filho de Manuel de Lira e de Leonor de Sória. Com 12 anos em 1597, quando o pai trocou Lisboa por Évora (pois tinha nascido em 1585),<sup>18</sup> ficou provavelmente em casa do meio-irmão Jorge Rodrigues a aprender o ofício familiar. Daí até 1608, ano do seu casamento, com 23 anos, talvez tudo tenha

---

13 Guilherme Gomes da Silveira d'Ávila LINS, *Bibliografia das obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Jorge Rodrigues entre 1598 e 1642*. Recife, Editora Universitária, 2009, pp. 31-33.

14 ANTT, *Fundo Paroquial de Lisboa, N.ª. S.ª. da Conceição*, Liv. 8 de Mistos, fl. 244.

15 G. G. S. d'Á. LINS, op. cit., p. 25.

16 ANTT, *Fundo Notarial*, Lisboa, Cart. 15, Cx. 26, Liv. 125, fl. 107v.

17 Jorge FONSECA, op. cit., pp. 47-49.

18 ANTT, *Inquisição de Lisboa*, Processo n.º. 12.330, fl. 12.

decorrido normalmente, estando ele, provavelmente, apto a trabalhar como impressor. A sua opção matrimonial, porém, terá, de acordo com afirmação do próprio João de Lira, destruído gravemente as relações com o irmão e mestre. As estratégias matrimoniais seguidas pelas famílias, cujo êxito ou simples sobrevivência dependiam da manutenção de um património ou de uma empresa, eram cruciais para estas, sendo definidas, por norma, pelo familiar mais velho e responsável. Por isso, tal ocorrência era sempre possível. Jorge Rodrigues despediu o irmão e este teve de se empregar junto de outros impressores: Pedro Craasbeeck, Luis de Estupiñan e Vicente Álvares. Isto desde 18 de julho de 1608, data do seu casamento, até cerca de agosto do ano seguinte (pois a 9 de dezembro de 1609 declarou que «há mais de três meses que não trabalha por não ter que fazer nem quem lhe dê onde trabalhe, por ele não ter imprensa para trabalhar»). Depois disso, vendia, como foi referido, pela cidade, folhas volantes com orações, o que fazia «por ser pobre, forçado das necessidades por sustentar sua mulher», causa de ter sido chamado ao Santo Ofício.

Será que Jorge Rodrigues não se terá limitado a despedir o irmão, procurando também que os colegas de ofício não lhe dessem emprego? Parece inverosímil. Talvez o carácter instável de João de Lira o tenha impedido de manter uma situação profissional normal. Em 1608, ano do seu casamento, tentou ele próprio tornar-se impressor, dando à estampa, em Lisboa, «por Iuan de Lira», a obra de Juan de Luque, *Divina poesia*, edição que Line Amselem-Szende considerou descuidada, com muitos erros e descuidos grosseiros, inclusive no nome do impressor («Iuna de Lira»).<sup>19</sup> A este tempo ainda o pai, Manuel de Lira, vivia em Évora, onde

---

19 Line AMSELEM-SZENDE, “Voz y muerte de un joven poeta. Las piezas liminares de *Divina Poesía de Juan de Luque* (Lisboa, 1608)”, in María SOLEDAD ARREDONDO, Pierre CIVIL e Michel MONER, *Paratexto en la literatura española. Siglos XV-XVIII*. Madrid, Casa de Velázquez, 2009, p. 84.

viria a falecer, a 10 de abril de 1609.<sup>20</sup> Em 1612 voltou a surgir novo trabalho de João de Lira, feito em Évora, o *Sermon predicado a las bonras que hizo la santa Yglesia metropolitana de Granada en la muerte de la catolica reyna de España doña Margarita de Austria*, da autoria de Gonçalo Sánchez Luzero,<sup>21</sup> uma encomenda recebida de Espanha, portanto. João deve ter ido viver para Évora, talvez depois da morte do pai (o que pode ter sido apenas uma coincidência) e para junto do irmão Francisco de Lira, já aí mencionado como livreiro e impressor em 1605-1606.<sup>22</sup> Terá sido a vontade de se fazer impressor, concorrente do irmão, que despertou a animosidade de Jorge Rodrigues, levando-o ao despedimento? É provável que João de Lira tenha morrido precocemente, sem se ter afirmado na arte impressória, pois o tio Luís Gomes Barreto, interrogado pela Inquisição de Cartagena das Índias em 1651, não o mencionou entre os sobrinhos, filhos do seu irmão Manuel de Lira, que conheceu.<sup>23</sup>

O apelido Lira, no entanto, estava ainda destinado a um futuro honroso, embora fora das fronteiras portuguesas. Francisco, o filho mais velho de Manuel de Lira e de Leonor de Sória, viria a tornar-se um dos mais notáveis impressores a laborar na Espanha do século XVII.<sup>24</sup>

Com oito anos em 1592, ano em que a mãe deu entrada nos cárceres da Inquisição, nascera, portanto, em 1584. Quando o pai deixou Lisboa, em 1597, para se estabelecer em Évora, tinha 12 anos. Por esse motivo deve ter acompanhado os pais ao Alentejo e continuado a sua aprendizagem junto de Manuel de Lira. Este mantinha relações

---

20 Túlio ESPANCA, “Alguns artistas de Évora nos séculos XVI-XVII”: *A Cidade de Évora* 15-16 (1948), p. 196.

21 Alexander Samuel WILKINSON e Alejandra ULLA LORENZO (eds.), *Iberian Books*, vols. II e III, Dublin, University College, 2010, p. 2167. Os exemplares conhecidos deste trabalho estão todos em bibliotecas espanholas.

22 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fls. 259, 261 e 278.

23 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18, fl. 263.

24 J. L. HERRERA MORILLAS e J. P. CAVERO COLL, op. cit., p. 44.

comerciais com o meio impressor de Sevilha, como se comprova da declaração da sua mulher ao Santo Ofício de que o marido estava na cidade andaluza, por ter lá ido buscar letras de impressão.<sup>25</sup> Pode ter procurado, nessas deslocações, uma colocação para o filho mais velho numa das oficinas de impressão sevilhanas, esforço que viria a ser coroado de êxito. Antes disso, no entanto, Francisco esteve estabelecido em Évora como impressor e livreiro, simultaneamente com o seu pai, mas em locais diferentes, tendo a sua loja sido visitada pelo Santo Ofício em 1606.<sup>26</sup> Em 1609 imprimiu na cidade *De Institutione grammatica libri tres*, de Manuel Álvares,<sup>27</sup> de que existe um exemplar em Paris,<sup>28</sup> obra já antes impressa pelo progenitor.

Em Sevilha, depois de algum tempo, talvez, a laborar por conta de um ou mais patrões, em 1614,<sup>29</sup> quando já contava 30 anos, passou a editar livros em seu nome, sobre temas religiosos mas também políticos, relatos de vitórias militares, bem como obras literárias de Lope de Vega, Miguel de Cervantes e Tirso de Molina. Em 1646, na cidade do Guadalquivir e com 62 anos, ainda imprimiu *Apología escolastica y moral de la frequente y cotidiana comunión*.<sup>30</sup>

Em 1651 e nos anos seguintes, surgirá em Sevilha como impressor de obras religiosas Francisco Inácio de Lira (Francisco Ignacio de Lyra), eventualmente seu filho.<sup>31</sup>

---

25 A. BAIÃO, op. cit., p. 261.

26 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, nº. 4, fl. 261.

27 Manuel ÁLVARES, *De Institutione grammatica libri tres*. Eborae, excudebat Franciscus de Lyra, 1609.

28 Bibliothèque Mazarine (Paris), cota: 4 10125 A.

29 L. AMSELEM-SZENDE, op. cit., p. 84.

30 *Apología escolastica y moral de la frequente y cotidiana comunión*. En Sevilla, lo imprimio Francisco de Lyra (J. L. HERRERA MORILLAS e J. P. CAVERO COLL, op cit., p. 54).

31 *Espíritu Santo, Sermon de la Purísima Concepción*. Sevilla, Ignacio de Lira, 1652 (L. AMSELEM-SZENDE, op. cit., p. 84) e Catálogo da Biblioteca Nacional de Espanha.

O processo inquisitorial de Luís Gomes Barreto, irmão de Manuel de Lira, na Audiência de Cartagena das Índias, onde se tinha estabelecido depois de vários anos como traficante de escravos,<sup>32</sup> fornece algumas valiosas informações sobre o impressor e a sua origem e ambiente familiar. Mas as declarações que aquele prestou nas duas vezes em que foi interrogado, em 1636 e em 1651, não coincidem no que respeita à respetiva idade, referência para se conhecerem as idades dos irmãos. Por isso, algumas datas que gostaríamos de conhecer da vida de Manuel de Lira, como o nascimento e outras que dele poderiam derivar, acabam por padecer de grande imprecisão.

De acordo com as declarações do acusado, ele e mais sete irmãos nasceram em Viseu, filhos de Francisco Rodrigues Barreto, lavrador, e de Isabel Gomes. Quando todos os filhos eram já nascidos e alguns falecidos, Francisco foi viver para Lisboa com a família, mas a mulher faleceu ao fim de pouco tempo. Dirigiu-se então à ilha de São Tomé para servir um cargo régio, deixando quatro filhos na cidade, entregues à irmã mais velha, Clara Gomes, de 15 anos, que os sustentou com trabalhos de costura em que se ocupava. Manuel de Lira tinha, nesse tempo, 13 anos, o que significa que terá nascido na década de 1560. Aprendeu a ler e escrever na escola, com os irmãos do sexo masculino. Anos antes, em 1552, havia já em Lisboa, de acordo com João Brandão de Buarcos, 30 «escolas de ensinar meninos a ler».<sup>33</sup> No tempo em que Lira e os irmãos chegaram à cidade poderia haver ainda mais. Tempos depois, Luís Gomes Barreto foi com um irmão mais velho, João de Oliveira, para São Tomé, acabando por se transferir para as Índias de Castela

---

32 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18. Proceso de fé de Luis Gómez Barreto (1650-51). Agradeço ao Doutor Simão Araújo da Mata a sua generosidade ao indicar-me este importante documento.

33 João Brandão de BUARCOS, “Majestade e grandezas de Lisboa em 1552”, in *Arquivo Histórico Português*, vol. XI. Lisboa, 1916, p. 219.

e fixar-se em Cartagena como Depositário Geral da cidade. Outro irmão, Jorge Rodrigues, estabeleceu-se no Peru como mercador.<sup>34</sup>

Quanto a Manuel de Lira, segundo o irmão negreiro, começou por ir para Castela, onde casou com uma mulher desse país «que avia sido su amiga» e que levou depois para Lisboa, a qual faleceu ao fim de um ano. Na cidade voltou a casar, desta vez com Leonor de Sória (natural de Córdova), de uma família de cristãos-novos. O casal terá tido três filhos (na verdade teve quatro, três homens e uma mulher), dois dos quais, Francisco de Lira, «el qual reside en Sevilla y es impresor de libros», e Luís Gomes Barreto (tal como o tio), que foi para Lima, no Peru, onde exerceu a mercancia e casou com uma mulher «de buena jente». Deste último casal nasceriam três ou quatro filhos, que o declarante não sabia como se chamavam.<sup>35</sup> Um deles foi, muito provavelmente, Luís de Lira, impressor com significativa atividade assinalada em Lima desde 1640 e talvez pai de Diego de Lira, que começou a figurar como impressor em 1682 e de que se conhecem produções até 1720.<sup>36</sup>

O Luís Gomes Barreto acabado de referir é o Luís, filho de Manuel de Lira e Leonor de Sória, batizado em Évora a 1 de outubro de 1591.<sup>37</sup>

---

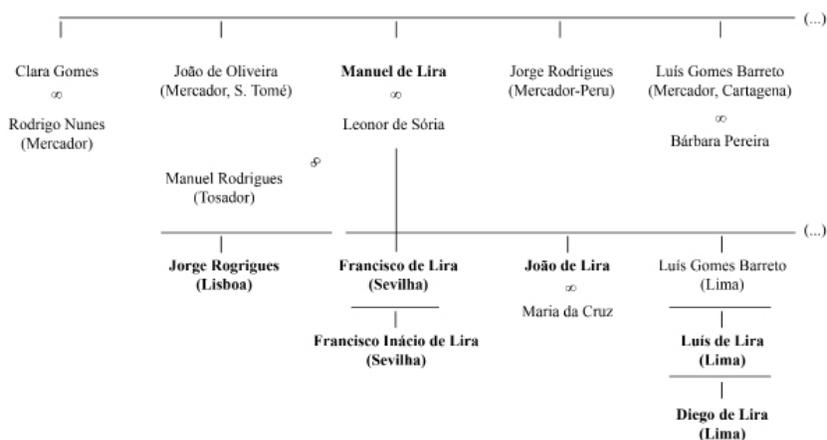
34 Simão Castro Feijó Araújo da MATA, “A presença portuguesa na América espanhola do século XVII. Luís Gomes Barreto e os cristãos-novos de Cartagena das Índias”, in *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto, Faculdade de Letras, 2019, pp. 319-320.

35 Archivo Histórico Nacional (Madrid), *Inquisición*, 1620, Exp. 18, fls. 262v.-263v.

36 José TORIBIO MEDINA, *La imprenta en Lima* (1584-1824), tomo I. Santiago do Chile, Impreso en Casa del Autor, 1904, pp. XLVI e XLVIII.

37 Arquivo Distrital de Évora, *Évora, São Pedro*, Liv. 2 de Mistos, fl. 24.

## Os Lira (impressores)



Não ficámos ainda a conhecer a proveniência familiar do apelido Lira, de possível origem num igual topónimo galego. Como nem os pais, nem o avô paterno, ambos Rodrigues Barreto, nem a mãe, Gomes, aparentemente os usaram, e os irmãos tiveram os apelidos Gomes, Oliveira e Rodrigues, o mesmo deveu-se a outro familiar, talvez do lado materno, cujos avós o declarante não conheceu. De qualquer modo, o nome familiar Lira existia na região beirã, do que é exemplo o tosador João de Lira, do lugar de Moimenta, termo de Gouveia, referido em 1633.<sup>38</sup>

Curiosamente, Lira (na forma Lyra) foi usado pelo primeiro membro da família que se dedicou à arte de impressor, Manuel, e, depois dele (e com a mesma forma), foi adotado pelos descendentes que seguiram igual profissão, sem dúvida para beneficiarem do prestígio a ele associado no meio livreiro e literário: Francisco de Lira, em Évora e Sevilha, Francisco Inácio de Lira, em Sevilha,

<sup>38</sup> Arquivo Distrital de Évora, *Fundo Notarial*, Évora, Liv. 514, fl. 99.

João de Lira, em Lisboa e Évora, e Luís e Diego de Lira, em Lima, no Peru. Todos os outros familiares que se conhecem, na maioria mercadores, foram Gomes e Gomes Barreto.

Com base nas várias fontes aqui usadas, sobretudo os processos inquisitoriais, tentaremos precisar melhor as mudanças de residência e de local de trabalho de Manuel de Lira desde que iniciou a atividade de impressor. Depois da inevitável aprendizagem da profissão, ainda muito jovem, numa das oficinas de Lisboa, onde vivia desde os 13 anos, realizou o seu primeiro trabalho tipográfico em 1579. Já antes tinha estado em Espanha e aí casado. Depois de viúvo, voltou a matrimoniar-se a 6 de fevereiro de 1583, na freguesia da Conceição, quando tinha impresso, pelo menos, mais seis obras. No ano seguinte nasceu o primeiro filho, Francisco, e, um ano depois, João, o segundo. No fim de 1589, ele e Leonor de Sória foram viver em Évora, na rua da Selaria (onde estavam estabelecidos outros impressores e livreiros), «por dizerem que havia de tornar outra vez o inimigo», como justificaria Leonor de Sória ao Santo Ofício. A tentativa da tomada de Lisboa pela armada inglesa, cujas forças acamparam junto aos respetivos muros em maio e junho de 1589, tinha levado à debandada de grande parte da população, facto que se repetiu em dezembro, ao correr a notícia de que as mesmas iam regressar.<sup>39</sup> Terá sido esse o motivo real para mudarem de residência ou seria já o receio da Inquisição, sendo ela cristã-nova judaizante?

Em junho de 1590, pelo São João, estava Manuel de Lira em Sevilha, onde tinha ido comprar letras de imprensa, e aí, segundo a mulher, achou-se muito doente. Em outubro de 1591, nasceu, em Évora, Luís, filho de ambos. Entretanto tinha continuado, nesses anos, a ter oficina e a imprimir em Lisboa, na Calçada de São Francisco, freguesia dos Mártires, cidade aonde o casal regressou e onde Leonor de Sória viria a ser presa no início de 1592, para só

---

39 Pero Rodrigues SOARES, *Memorial*. Coimbra, Universidade, 1953, pp. 292 e 294.

ser solta mais de dois anos depois. Em 1597 voltaram para Évora, desta vez em definitivo, e aí o impressor iria continuar a dedicar-se à sua atividade até 1609, ano em que faleceu.

Entre abril e maio de 1601, foi multado em 10 cruzados e esteve preso na cadeia pública de Évora, às ordens da Inquisição, por imprimir 1500 exemplares da «Folha de Rezar» desse ano, por encomenda de Estêvão Lopes, livreiro de Lisboa, sem licença do Conselho Geral do tribunal. Para tal fim, o livreiro tinha-lhe fornecido o papel e os originais.<sup>40</sup>

Durante esse período, não parece que tenha estado sempre na cidade. Quando, a 25 de outubro de 1605, lhe foi perguntado pelo Santo Ofício se tinha imprimido um texto sobre o Jubileu concedido pelo papa, dado à estampa na cidade durante esse mês, respondeu que, no tempo em que o trabalho devia ter sido executado, não o podia ter feito por não residir em Évora, mas sim em Barrancos, «termo da vila de Moura»,<sup>41</sup> de onde tinha regressado. Que talvez o tivesse feito o seu filho Francisco de Lira, também impressor.<sup>42</sup> Porque esteve Manuel de Lira em Barrancos, não sendo daí natural? Tratando-se de uma pequena localidade isolada e muito próxima da raia, os motivos relacionavam-se, por certo, com a vizinhança do território espanhol e a possibilidade de impressão de textos proibidos para o mercado desse país, nomeadamente de Sevilha, cidade com acesso fácil a partir daí, por caminhos pouco frequentados, e onde o impressor mantinha certamente relações. Essa atividade clandestina, que as autoridades civis e religiosas tinham dificuldade

---

40 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fls. 266-276v.

41 Barrancos era, na época, um lugar do termo de Noudar e não de Moura, mas localizava-se junto ao limite com o termo desta vila, existindo uma forte ligação entre as duas vilas, inclusivamente no plano da defesa (João Augusto Espadeiro RAMOS, *Fronteira e relações de poder. Noudar e Barrancos no Antigo Regime*, Dissertação de Mestrado. Évora, Universidade, 2012, pp. 41-44). Provavelmente por isso o impressor, que não era daí natural, supusesse que Barrancos pertencia a Moura.

42 ANTT, *Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor*, n.º. 4, fl. 259.

em controlar, foi vulgar na época, em vários países europeus, em zonas próximas das respetivas fronteiras.<sup>43</sup>

O percurso económico-social e geográfico da sua família foi comum ao de muitos portugueses da época. Com raízes na Beira e na atividade agrícola, cedo os pais foram atraídos por Lisboa, sede do império luso e local de todas as oportunidades, numa tendência que Sá de Miranda receara ao afirmar que Lisboa, devido ao comércio das especiarias, despovoava o reino.<sup>44</sup> Com exceção de Manuel, que enveredou pela impressão de livros, ofício igualmente impulsionado pelo dinamismo económico e cultural resultante da atividade marítima, o pai procurou um emprego em São Tomé e três irmãos foram mercadores, um, João de Oliveira, em São Tomé, outro, Jorge Rodrigues, no Peru, e o terceiro, Luís Gomes Barreto. Este atuou durante anos como negreiro, entre São Tomé, Angola, Brasil, Peru, Espanha e Lisboa, e estabeleceu-se finalmente em Cartagena, onde comprou o ofício de Depositário Geral da cidade, casou, sem ter tido filhos do casamento, mas sim dois filhos bastardos que se consorciaram com pessoas da elite social da cidade. Um filho de Manuel de Lira, também chamado Luís Gomes Barreto, foi igualmente mercador e radicou-se em Lima, no Peru.<sup>45</sup>

Sintetizando o caso paradigmático de Manuel de Lira, a sua vocação para o ofício de impressor levou-o a deixar-nos uma obra expressa em mais de 70 trabalhos impressos (além dos que se perderam), uns datados de Lisboa, outros de Évora e ainda outros sem local assinalado, entre os anos de 1579<sup>46</sup> e de

---

43 Lucien FEBVRE e Henri-Jean MARTIN, *O aparecimento do livro*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, pp. 320, 397 e 398.

44 Francisco de Sá de MIRANDA, *Poesia*. Lisboa, Alexandre M. Garcia, 1984, p. 482.

45 S. C. F. ARAÚJO DA MATA, op. cit., pp. 319-320.

46 *Auto do juramento que os tres estados destes reynos fizeram em presença del Rey Nosso Senhor ao primeyro de junho de M.D.LXXIX*. Em Lisboa, por Manuel de Lyra, [1579]. Biblioteca Nacional de Portugal.

1609<sup>47</sup>, quer de âmbito religioso, ao serviço da Companhia de Jesus, das Ordens da Trindade e de São Paulo da Serra de Ossa, assim como do Arcebispado de Évora, quer de história militar e dos feitos ultramarinos, de direito, literatura clássica e literatura portuguesa, com destaque, neste caso, para as obras de Luís de Camões, Francisco de Sá de Miranda e Diogo Bernardes. Foi também impressor da Universidade de Évora.

Além disso, atraiu para o seu ofício e ensinou os segredos da arte ao enteado, Jorge Rodrigues, que se tornaria um destacado representante da mesma profissão, e dois filhos, Francisco e João, o primeiro um dos mais notáveis impressores castelhanos do seu tempo, também com descendência digna dentro do seu mister; o segundo, que tentou equiparar-se ao pai e ao irmão, embora sem o conseguir. Na América espanhola a sua ação projetar-se-ia no neto, Luís de Lira, e nos descendentes deste.

Bem se pode afirmar que Manuel de Lira honrou, ao longo dos anos em que se manteve ativo, a divisa que exibiu na sua marca de impressor: «Non vi, sed ingenio et arte» («Não com a força, mas antes com o engenho e a arte»)<sup>48</sup>.

## Cronologia

Cerca de 1560 – Nasceu Manuel de Lira, em Viseu;

Década de 1570 – Manuel de Lira foi, com os pais e irmãos, viver para Lisboa. Tinha 13 anos;

1577 – Nasceu Jorge Rodrigues, filho de Leonor de Sória e Manuel Rodrigues, tosador;

---

<sup>47</sup> Frei João dos SANTOS, *Ethiopia Oriental e varia historia de cousas notaveis do Oriente*. Impressa no Convento de S. Domingos de Evora, por Manoel de Lira, 1609. Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

<sup>48</sup> Artur ANSELMO, *Livros e mentalidades*. Lisboa, Guimarães Editores, 2002, pp. 95-97.

1579 – Manuel de Lira imprimiu, em Lisboa, *Auto do juramento que os três estados... fizeram em presença del Rei nosso Senhor*;

10.9.1581 – Casaram, em Lisboa, Manuel de Lira e Jerónima de Castro, viúva;

6.2.1583 – Casou Manuel de Lira, viúvo, com Leonor de Sória, em Lisboa;

1584 – Nasceu Francisco de Lira;

1585 – Nasceu João de Lira;

12.1589 – Manuel de Lira e a mulher foram viver para Évora;

6.1590 – Manuel de Lira esteve em Sevilha;

1.10.1591 – Batizado, em Évora, Luís Gomes Barreto, filho de Manuel de Lira e Leonor de Sória;

28.2.1592 – Leonor de Sória presa pela Inquisição em Lisboa, onde morava com o marido. Jorge Rodrigues tinha 15 anos;

1.6.1594 – Leonor de Sória foi solta da prisão;

1597 – Manuel de Lira e Leonor de Sória foram viver definitivamente em Évora. Jorge Rodrigues tinha 20 anos;

4.1600 – Sociedade entre Jorge Rodrigues e o livreiro Estêvão Lopes para o primeiro imprimir todos os livros que o segundo quisesse editar;

27.4 a 15.5.1601 – Manuel de Lira esteve preso pela Inquisição de Évora;

10.1605 – Manuel de Lira estava em Barrancos;

18.7.1608 – Casaram João de Lira e Maria da Cruz, em Lisboa;

1608 – João de Lira imprimiu, em Lisboa, *Divina poesia*, de Juan de Luque;

1609 – Manuel de Lira imprimiu, em Évora, *Ethiopia Oriental*, de Manuel dos Santos;

10.4.1609 – Morreu em Évora Manuel de Lira;

1609 – Francisco de Lira imprimiu, em Évora, *De Institutione grammatica libri tres*, de Manuel Álvares;

1612 – João de Lira imprimiu, em Évora, *Sermon predicado... en la muerte de... doña Margarita de Austria*;

1614 – Francisco de Lira iniciou a sua atividade, como impressor, em Sevilha;

1640 – Luís de Lira, provavelmente filho de Luís Gomes Barreto e neto de Manuel de Lira, iniciou-se como impressor, em Lima (Peru);

12.4.1644 – Faleceu Jorge Rodrigues;

1646 – Francisco de Lira imprimiu, em Sevilha, *Apología escolastica y moral*;

1651 – Francisco Inácio de Lira, talvez filho de Francisco de Lira, surge, em Sevilha, como impressor de obras religiosas;

1683 – Diego de Lira, provavelmente filho de Luís de Lira, iniciou-se como impressor, em Lima (Peru);

1690 – Último ano em que Luís de Lira figura como impressor, em Lima;

1720 – Diego de Lira imprimiu pela última vez, em Lima.

## Referências bibliográficas

### Fontes de Arquivo

ARCHIVO HISTÓRICO NACIONAL (Madrid)

Inquisición, 1620, Exp.18 (Proceso de fé de Luis Gómez Barreto).

ARQUIVO DISTRITAL DE ÉVORA

Fundo Paroquial, Évora, São Pedro, Liv. 2 de Mistos.

TORRE DO TOMBO

Fundo Notarial, Lisboa, Cart. 15, Cx. 26, Liv. 125.

Fundo Paroquial, Lisboa, Conceição, Liv. 1, 3, 5 e 8 de Mistos.

Inquisição de Évora, Cadernos do Promotor, 4.

Inquisição de Lisboa, Cadernos do Promotor, 9; Processos 10.537 e 12.330.

### Bibliografia

ÁLVARES, Fernão, *Lusitania transformada*. Lisboa, 1607.

ÁLVARES, Manuel, *De institutione grammatica libri tres*. Évora, 1609.

AMSELEM-SZENDE, Line, “Voz y muerte de un joven poeta. Las piezas de Divina poesía de Juan de Luque. Lisboa, 1608, in María SOLEDAD ARREDONDO, Pierre CIVIL e Michel MONET (org.), *Paratexto en la literatura española. Siglos XV-XVIII*. Madrid, Casa de Velázquez, 2009, pp. 71-90.

ANASTÁCIO, Vanda, “El-Rei Seleuco, 1645 (Reflexões sobre o «corpus» da obra de Camões): *Península. Revista de Estudos Ibéricos* 2 (2005), pp. 327-342.

ANSELMO, Artur, *Livros e mentalidades*. Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

AUTO do juramento que os três estados destes reinos fizeram em presença del rey nosso senhor ao primeiro de junho de M D LXX IX. Lisboa, [1579].

BAIÃO, António, “Manuel de Lira, um dos mais antigos impressores dos Lusíadas. Novos dados para a sua bibliografia”: *Lusitania. Revista de estudos portugueses* 2.5-6 (1925), pp. 255-262.

BUARCOS, João Brandão de, “Majestade e grandezas de Lisboa em 1552”: *Arquivo Histórico Português* XI (1916), pp. 9-241.

CATÁLOGO DOS RESERVADOS DA BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA. Coimbra, Universidade, 1970.

DIAS, João José Alves, *Craesbeeck, uma dinastia de impressores em Portugal*. Lisboa, Associação Portuguesa de Livreiros Alfarrabistas, 1996.

ESPANCA, Túlio, “Alguns artistas de Évora nos séculos XVI-XVII”: *A Cidade de Évora* 15-16 (1948), pp. 131-287.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean, *O aparecimento do livro*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

- FONSECA, Jorge, *Os livreiros de Lisboa nos séculos XVI e XVII. Estratégias económicas, sociais e familiares*. Lisboa, Colibri, 2019.
- HERRERA MORILLAS, José Luis e CAVERO COLL, Juan Pedro, “Libros impresos en Sevilla durante los siglos XV al XVIII”: *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios* 68 (2002), pp. 37-66.
- LINS, Guilherme Gomes da Silveira d’Ávila, *Bibliografia das obras impressas em Portugal pelo tipógrafo Jorge Rodrigues entre 1598 e 1642*. Recife, Editora Universitária, 2009.
- MATA, Simão Castro Feijó Araújo da, “A presença portuguesa na América espanhola do século XVII. Luís Gomes Barreto e os cristãos-novos de Cartagena das Índias”, in *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto, Faculdade de Letras, 2019, pp. 305-333.
- MIRANDA, Francisco de Sá de, *Poesia*. Lisboa, Alexandre M. Garcia, 1984.
- NÚÑEZ BELTRÁN, Miguel Ángel, *La oratoria sagrada de la época del Barroco: doctrina, cultura y actitud ante la vida desde los sermones sevillanos del siglo XVII*. Sevilla, Universidad e Fundación Focus-Abengoa, 2000.
- RAMOS, João Augusto Espadeiro, *Fronteira e relações de poder. Noudar e Barrancos no Antigo Regime* (Dissertação de Mestrado). Évora, Universidade, 2012.
- SANTOS, Frei João dos, *Etiópia Oriental e vária história de cousas notáveis do Oriente*. Évora, 1609.
- SOARES, Pero Rodrigues, *Memorial*. Coimbra, Universidade, 1953.
- TORIBIO MEDINA, José, *La imprenta en Lima (1584-1824)*, tomo I. Santiago de Chile, Impreso en Casa del Autor, 1904.
- VASCONCELOS, Luís Mendes de, *Do sítio de Lisboa. Diálogo*. Lisboa, 1608.
- WILKINSON, Alexander Samuel e ULLA LORENZO, Alejandra (eds.), *Iberian Books*, v. II e III. Dublin, University College, 2010.

(Página deixada propositadamente em branco)